

ignácio de loyola brandão

VERDE MANIFESTO

ignácio de loyola brandão

VERDE MANIFESTO

@ Ignacio de Loyola Brandão - Global

projeto gráfico Guto Lacaz

arte Carlos Baptistella

ISBN

Ficha catalográfica

Escrita em forma de uma comovente carta aos seus filhos, esta obra de Ignácio de Loyola Brandão acaba chegando a todos. O escritor, autor de 40 livros, é conhecido principalmente pelo público jovem por meio de obras como *Zero*, *Não verás país nenhum*, *Cadeiras proibidas*, *O beijo não vem da boca*, *O verde violentou o muro*, *Veia bailarina*, *O homem do furo na mão*, *O homem que espalhou o deserto* e *O menino que vendia palavras*, que, em 2008, recebeu o prêmio Jabuti de melhor livro de ficção do ano. Logo a seguir, o texto foi adaptado para os palcos, onde tem feito grande sucesso, e agora irá se transformar em minissérie de televisão e filme. Nas suas mãos, um manifesto que, às vezes, arrepia.

Os editores

Para

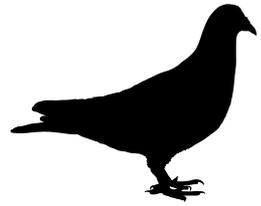
*Daniel, André, Maria Rita,
meus filhos.*

*Pedro, Lucas, Felipe e Stella,
meus netos.*









O PRESENTE É O FUTURO

A palavra *presente*, aqui, não quer dizer o dia de hoje, agora. O jogo de palavras do autor é sutil. Presente é doação dádiva; o brinde que gostaríamos de dar às gerações que estão vindo é o futuro. Um futuro limpo, de terra verdejante, águas claras e puras, atmosfera não poluída, um mundo mais sadio, habitável, regido pela sustentabilidade, pela preocupação com o meio ambiente, com a saúde. Mundo onde haja qualidade de vida. Esse futuro depende do tempo presente, das nossas atitudes hoje, das atitudes que devemos tomar.

Este livro, misto de cartilha, manual, e manifesto, de maneira clara e objetiva apresenta a situação do meio ambiente, por meio de histórias, casos, fatos, notícias, alguns deles inacreditáveis. Não dá lições ou faz teorias. Parece que tudo foi inventado. Só que não existe imaginação e sim realidade.

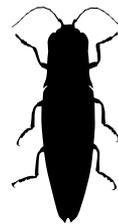


QUEREMOS SABER

QUEREMOS SABER, QUEREMOS SABER QUANDO O NOSSO RIO VAI PARAR DE FEDER?

Esta frase de Luciana Franca da Silva, de 13 anos, foi vencedora de um concurso realizado em Santana do Parnaíba, São Paulo, em 1985, destinado a chamar a atenção para o grave problema do Rio Tietê, que passava pela cidade como um esgoto a céu aberto.

A frase, junto a outras do mesmo teor, foram colocadas em faixas localizadas em pontos-chave, para que todos, principalmente as autoridades, vissem e se conscientizassem. Todos viram, mas nada fizeram. Isso aconteceu há quase 30 anos. Luciana deve estar formada, talvez casada, com filhos. Sua vida mudou, porém o Tietê, ao passar por Santana do Parnaíba, cidade histórica e linda, continua imundo, fétido, cheio dos resíduos, detritos e lixo nele lançados por indústrias e pela população.



COMO E POR QUE ESTE LIVRO FOI ESCRITO

Que meio é melhor para se explicar uma situação que contar histórias? Por essa razão, estou respondendo a algumas perguntas que me fizeram, por meio de fatos, notícias, alertando para o que pode acontecer. Tudo começou em uma noite, em um apartamento da Rua Bela Cintra, São Paulo, onde meus filhos Daniel e André, então pequenos, jogavam bola comigo no quarto, por não haver playground no prédio. Depois de ouvir o noticiário pela televisão, Daniel e André me perguntaram:

– Pai, o que é ecologia?

– Por que falam tanto em verde?

Não lembro o que respondi, mas sei que não ficaram satisfeitos.

Durante semanas fiquei pensando numa forma de explicar a eles uma série de coisas importantes que vêm acontecendo no mundo e que envolvem estas duas palavras: *ecologia* e *verde*.

Na véspera de uma viagem para uma palestra em escolas, comecei a redigir uma carta que se alongou e se transformou neste pequeno livro. É um texto simples, cheio de histórias, casos, notícias, fatos que ocorreram no Brasil e no mundo há muitos anos e outros que acontecem atualmente. Imaginei que esta seria a melhor forma de passar alguma ideia do que é ecologia e movimento verde.

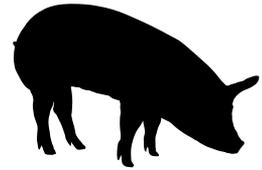


Verde porque essa cor simboliza a cobertura vegetal do mundo, florestas, matas, bosques, tudo o que existe em matéria de flora. Verde porque se elegeu o verde como a cor da esperança. Movimento verde significa a esperança de salvar. E salvar, aqui, tem um sentido amplo: não apenas as árvores, os rios, mas todos os seres vivos.

Existe uma palavra que está no dia a dia, que é dita, repetida, lida e ouvida a todo instante. Palavra tão comum quanto pai, mãe, escola, televisão, virtual, interativo, Coca-Cola, computador, camisinha, Internet, iPhone, Facebook, hambúrguer, transa, moto, skate, digital, CD, laser. A palavra é *ecologia*.

Ecologia é o estudo do meio ambiente. Meio ambiente é tudo o que nos cerca, a terra, a água, o ar.

O termo ecologia foi criado pelo biólogo (aquele que estuda a vida e os seres vivos em geral) alemão Haeckel, em 1866. Ecologia é o que antigamente se chamava história natural.



Ecologia é uma palavra que vem do grego

Oikos = casa

Logos = estudo

Ekologie em alemão, ecologia em português

Originalmente seria o estudo da casa. A casa é o lugar onde se vive. Lugar onde se vive é também o bairro, a cidade, o estado, o país, o continente, o mundo, o universo. Por isso, o meio ambiente é tão vasto. E nele todas as coisas estão interligadas, amarradas umas às outras.

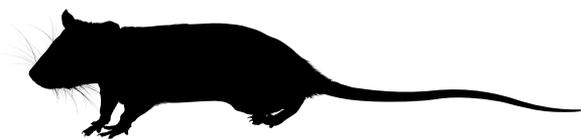
A precisa de B.

B depende de C.

C é íntimo de D.

D junta-se a A.

E assim por diante.



O QUE É UM ECOSSISTEMA?

É uma cadeia. Tudo na vida está em comunicação e interromper um elo é complicado, pode ser perigoso. Isso se chama ecossistema. Um ecossistema é como um motor. Todas as peças e engrenagens são dependentes umas das outras. Se uma falha, o motor para. Ou anda, mas com dificuldade, terminando por prejudicar a máquina. E se duas ou três ou mais peças se desarranjam ou desaparecem, o motor para. No ecossistema existe equilíbrio. Cada elemento tem sua função, do verme minúsculo ao paquiderme gigante, de uma célula a uma árvore. Tudo tem razão de ser: mosquito, minhoca, cobra, rato, gato, barata, pântano, riacho, folhas secas e podres, raio de sol.

Um lago é um ecossistema. Uma floresta é um ecossistema. O mar é um ecossistema. O deserto é um ecossistema. Não importa o tamanho.

O que acontece quando um coureiro (o caçador do pantanal) mata jacarés? Como esses comem as piranhas, vamos ter menos jacarés para comê-las, e os cardumes vão aumentar. As piranhas passarão a comer peixes menores que se alimentavam de outros peixes, provocando o desequilíbrio e a extinção de espécies. Desse modo, a ação dos coureiros transtorna um ecossistema, o dos rios do Pantanal.



Os garimpeiros, também no Pantanal, usam o mercúrio, um elemento venenoso, para retirar o ouro dos rios. Os resíduos do mercúrio vão se incorporando à água, envenenando os peixes. Estes são pescados e comidos e o veneno vai para o organismo humano.

A ecologia estuda a mudança do ecossistema,
a poluição dos ares,
a devastação das florestas,
o uso abusivo dos agrotóxicos (inseticidas) sobre plantas,
com o conseqüente envenenamento do nosso corpo,
a modificação do clima,
a morte dos rios,
a desertificação de áreas do planeta,
a formação de buracos na camada de ozônio (aquela que protege a terra dos raios ultravioletas do sol),
a questão do lixo radioativo,
as doenças que o homem vem ganhando com a agressão contínua à natureza,
o problema da fome,
as erosões,
a degradação dos oceanos.
A ecologia trata daquilo que temos de mais precioso,
a vida.



ACREDITAR NO FUTURO

Décadas depois daquele primeiro texto, refaço a minha carta. Vocês, meus filhos, cresceram, mudaram, casaram, tiveram filhos. Maria Rita, hoje com 31 anos, entrou em nossas vidas. No entanto, a situação em relação ao meio ambiente infelizmente pouco se modificou. Tento montar um texto que represente a esperança. Não tenho o direito de esmagar a crença que têm na possibilidade de um futuro. Quando ouvia vocês fazendo planos normais de crianças (e agora de adultos que se encaminham para o mundo) – vou ser isto, vou ser aquilo –, punha-me a pensar se esse futuro chegaria a existir.

De que modo vocês vão viver?

Ou sobreviver?

Ao escrever, percebo que não é apenas a vocês que me dirijo, mas principalmente aos homens de minha geração. Aos que estão no poder.



E também àqueles que têm quarenta, trinta, vinte, dezoito anos. Aos que vão receber este país no futuro.

Aos de minha geração é um apelo desesperado.

Aos outros, quero relatar o que acontece, na esperança de provocar uma reação, uma revolta, despertando para a luta a fim de se proteger.

Escrevo para que as pessoas exclaimem: “Estamos cometendo suicídio! E temos de pensar naqueles que não querem morrer, que estão crescendo e têm o direito de prosseguir neste mundo”.

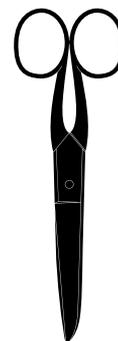
Escrevo para contar o que acontece. Para que vocês tomem posição e se armem em legítima defesa.



A FORÇA DAS ÁRVORES, O SENTIDO DA VIDA

Um dia, compramos uma chácara em Sarapuí (palavra que significa rio do peixe-espada), no estado de São Paulo. Pequeno pedaço de terra, imensamente verde. Nesse recanto, durante anos, plantamos dezenas de árvores, flores, arbustos, frutas, legumes, verduras. Cada um com carinho e significado especiais.

Lembro-me de uma viagem que fizemos a Minas. Paramos na estrada, no meio da manhã ensolarada, para que Daniel pudesse mamar tranquilamente. Enquanto esperava, saí do carro e me deparei, à beira da cerca, com uma árvore inteiramente florida. O chão, repleto de vagens secas. Apanhei várias delas, arrisquei plantar, vingaram, fizemos cercas e manchas de árvores floridas. A imagem que associo a essas árvores é a de alimento, nutrição.



Naquela chácara, havia duas árvores diferentes, com um significado que transcende a tudo: um ipê e um pau-brasil, diretamente ligados à vida de vocês. Quando Daniel nasceu, Chico Santa Rita, um amigo, levou à maternidade aquele que acabou sendo o presente mais duradouro. Em um vasinho, a muda de ipê com um cartão: “Que sua vida tenha a força e a duração desta árvore”.

Quando André nasceu, Cyro Braga, o avô materno, levou a muda de um raríssimo pau-brasil, dizendo: “Que você viva, enquanto ele viver”.

À primeira vista, pareciam profecias arriscadas. Afinal, as mudas poderiam não vingar. Mas a um olhar mais profundo, os dois presentes revelaram a confiança que alguns homens têm na natureza e no que vem dela: o sentido de vida, eternidade, permanência e continuação.



A ÁRVORE É O EIXO DO MUNDO

As árvores, desde o início do mundo, tiveram o mais importante dos sentidos: o de representar a vida. Alguns povos da Antiguidade escolhiam certas espécies, tornando-as sagradas. Como o carvalho para os celtas, a figueira para os indianos, a tília para os alemães. Associações entre deuses e árvores são frequentes na mitologia: Júpiter e o carvalho, Osíris e o cedro, para citar somente dois.

A árvore, segundo Cirlot, especialista em simbologia, significa a vida inesgotável e engloba os processos generativo e regenerativo, sendo o espelho da imortalidade. A árvore é o eixo do mundo, ela faz a ligação (raízes) entre o negror das trevas do caos profundo e a luz (galhos e folhas para cima), o céu.

A Bíblia diz que, no centro do Jardim do Éden – o Paraíso –, havia a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Sabe-se também que na milenar Babilônia havia, no portão oriental do céu, duas árvores: a da Verdade e a da Vida. Buda teve a iluminação sentado embaixo de uma.



A MORTE DO IPÊ-AMARELO

Estranha é a cabeça das pessoas. Uma vez, em São Paulo, morei em uma rua dominada por uma árvore imponente, bela, um ipê-amarelo. Na época de floração, a calçada enchia-se de cores. Para usar um lugar-comum, ficava sobre o passeio um verdadeiro tapete de flores. Esquecíamos o cinza que nos envolvia e vinha do asfalto, do concreto, do cimento, os elementos característicos desta cidade. Percebi certo dia que a árvore começava a morrer. Foi secando lentamente, até que amanheceu sem uma folha. É um ciclo, ela renascerá, comentávamos no bar ou na padaria. Não voltou.

Pedi ao Instituto Botânico que analisasse a árvore, e o técnico concluiu: envenenada. Surpresos, nós, os moradores da rua, que tínhamos na árvore um verdadeiro símbolo, começamos a nos lembrar de uma vizinha de meia-idade que todas as manhãs estava ao pé da árvore com um regador. Mesmo nos dias de chuva, ela regava o ipê. Cheios de suspeitas, fomos até ela, indagamos, e ela respondeu com calma, os olhos brilhando, agressivos e irritados:

- Matei mesmo essa maldita árvore.
- Por quê?
- Porque na época da flor ela sujava minha calçada, eu vivia varrendo essas flores desgraçadas.

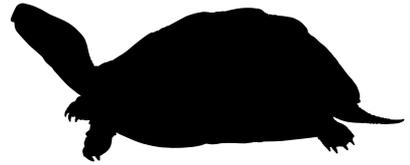


CIMENTO NO LUGAR DO VERDE

Outra vez, passando pela cidade de São Carlos, tive uma surpresa na avenida principal, onde existia uma praça cheia de árvores e recantos sombreados. Um prefeito implacável tinha derrubado tudo e construído no lugar uma praça cinza de cimento, cheia de postes com lâmpadas a vapor de mercúrio. Local desolado e sem vida. Na mesma semana em que comprei a chácara de Saraçuí, contratei um caboclo para fazer uma pequena limpeza nas ervas ruins que estavam em torno da casa. Ao voltar, dias depois, vi a casa no centro de um pequeno deserto. O caboclo tinha passado a enxada em tudo o que era arbusto, trepadeira, plantinhas, flores.

– Por que devastou tudo?

– A casa estava muito nervosa, sufocada no meio de tanta planta. Isso não é bom.



VAGABUNDOS E DROGADOS À SOMBRA

Na cidade de Marília, interior de São Paulo, existia, na praça em frente à Catedral, uma série de belíssimas árvores, algumas seculares. Lembro-me de que uma delas era tão grossa que necessitava de cinco homens, de braços abertos, para rodeá-la.

Um dia, anos setenta, cheguei em Marília e o que vi em frente à Catedral? Uma praça de cimento, cinza, feia, desértica, fria. Perguntei assombrado a um professor da faculdade de letras que me acompanhava.

– O que aconteceu?

– O prefeito mandou derrubar tudo, para resolver um problema social!

– Como?

– As árvores faziam muita sombra. E aqui, de noite, reuniam-se marginais, drogados, prostitutas e vagabundos. Para evitar isso, o prefeito mandou derrubar as árvores. Assim, não têm sombras, nem esconderijos.

– E os marginais? Acabaram?

– Não, mudaram de lugar. Continuam marginais.

Como se a devastação de um patrimônio da natureza resolvesse problemas sociais.



70 MIL ÁRVORES CORTADAS

Durante a gestão do prefeito Gilberto Kassab em São Paulo o IPT (Instituto de Pesquisas Técnicas) desenvolveu um programa denominado Sisgau (Sistema de Gerenciamento de Árvores Urbanas), destinado a avaliar a idade e a saúde de uma árvore e a qualidade das podas, escreveu o jornalista Chico Felitti, numa bela e poética matéria na *Revista São Paulo, da Folha*, de 14 a 20 de abril de 2013. Em seguida, o IPT desenvolveu outro software, o Arbur, uma tecnologia mais avançada que registra a queda de árvores. “Afinal, a queda de uma árvore é questão essencial para o verde em grandes cidades”, disse o especialista Ricardo Cardim, da Associação Amigos das Árvores, ouvido por Felitti. “O problema não é só saber quantas árvores temos, mas como elas estão e como podemos cuidar delas. Mais de 700 árvores caíram em São Paulo em 2012, segundo o Corpo de Bombeiros. Nos últimos 14 anos, nada menos que 72.514 foram cortadas com autorização do poder público, cerca de 14 por dia.”



Só que as estatísticas não contam as árvores cortadas clandestinamente, ou mortas – como no caso do ipê – na calada da noite, por pessoas que consideram que as folhas sujam suas calçadas ou por comerciantes que alegam estarem sendo prejudicados pela presença de uma em frente ao seu negócio.

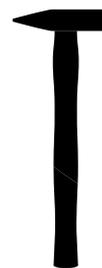
A quem solicitar uma poda ou corte de árvore? Em São Paulo, pelo telefone 156. Em cada cidade há um departamento a ser consultado na prefeitura.



FALTA CONSCIÊNCIA E AMOR

O que significam esses pequenos casos do cotidiano, meus meninos?

Tanto o caboclo, que nasceu na terra, depende dela, vive em contato direto com ela, quanto aquela mulher de classe média-alta ou o administrador de qualquer cidade, nenhum deles tinha (ou tem) nenhuma consciência do que significa a natureza. Falta-lhes a sensibilidade, a informação, falta-lhes o amor. E essas três pessoas representam o quê? A cabeça do povo brasileiro, da elite brasileira que nos governa, ainda inteiramente desligada e indiferente ao que vem acontecendo – não mais lentamente, mas com uma velocidade assustadora – a este país.



ESPALHANDO DESERTOS

Acabo de pensar em um conto escrito há muitos anos atrás, chamado “O homem que espalhou o deserto”, que unido a outro, “O homem do furo na mão”, constitui a base de um livro meu, terrível como profecia (e aqui está um autor que não gostaria de ser profético): *Não verás país nenhum.*

É a história de um menino que costumava apanhar a tesoura da mãe e ir para o quintal, cortar as folhas das árvores. A mãe gostava, assim ele não ia para a rua e não andava em más companhias. O menino cresceu e percebeu que a tesoura já não era suficiente. Arranjou um machado e derrubou todas as árvores do quintal.

Insatisfeito, ele saiu de machado em punho para os arredores da cidade e, depois de atacar árvores, capões e matos, descobriu que podia ganhar a vida com seu instrumento. Onde quer que precisasse derrubar árvores, ele era chamado. Acabou prosperando, montando uma companhia, comprando tratores. E enquanto ele ficava milionário, o país transformava-se em um deserto de terra calcinada. E então o governo, para remediar, mandou buscar em Israel técnicos especializados em tornar férteis as terras do deserto.

E os homens mandaram plantar árvores. E enquanto as árvores eram plantadas, o homem do machado ensinava ao filho a sua profissão.



AMEAÇAS QUE AS ÁRVORES ENFRENTAM NAS CIDADES

São quatro os principais problemas que as árvores enfrentam em uma cidade, segundo os ambientalistas Ricardo Jardim e Sérgio Brazolin.

Cuidado com o fio

Para não atrapalhar os fios de alta tensão, galhos são podados. Mas isso pode deixar o peso da árvore desequilibrado, um dos fatores que leva à queda.

Sapatos de cimento

Cimentar o terreno em redor das plantas faz com que suas raízes fiquem sufocadas e pode impedir o crescimento delas, diminuindo o apoio da árvore.

Águas vão cair

A copa da árvore segura até 70% da água da chuva. Se já houver problema de sustentação, cresce a chance de ela tombar.

Caiu de fungo

Pregos inseridos no tronco ou podas malfeitas são entradas para fungos, que se proliferam no interior da árvore e a deixam doente e fraca.

(Revista da Folha de S. Paulo, 14 a 20 de abril de 2013)



UNIVERSIDADE DA DESTRUIÇÃO

Oito anos depois de um conto com esse título ter sido publicado em um livro meu chamado *Cadeiras proibidas*, li na revista *Pau-Brasil* uma entrevista com o cientista Augusto Ruschi, um dos maiores defensores da natureza no Brasil, que realizou um trabalho isolado e incansável no Espírito Santo. No número 2, de setembro/outubro de 1984, Ruschi declarou:

“O meu estado, infelizmente, foi a universidade que formou os maiores especialistas em destruição de florestas, seguramente, de todo o universo. E esses especialistas, que hoje formam um verdadeiro exército de depredadores, já se encontram na Amazônia. E não são apenas cem ou duzentos. São quase trezentos mil homens, que não sabem outra coisa a não ser cortar árvores. E depois da terra arrasada, entra a multinacional com seus eucaliptais.”



Ruschi mostra como os eucaliptais, que se estendem como praga disfarçada de reflorestamento, provocam desastres ambientais, secando rios, esterilizando terras, eliminando pássaros, ocasionando estranhas epidemias em outras plantações, como é o caso da phona, que ataca os cafeeiros. Para não dizer que o eucalipto é matéria-prima para fábricas de celulose que envenenam os rios, matando microrganismos e peixes.

A devastação, segundo Ruschi, além de ter extinguido dezenas de espécies animais conhecidas, acabou também com animais que nem sequer chegaram a ser conhecidos. (A expedição Cousteau ao Amazonas revelou, entre outras descobertas, a existência de um sapo com bico, que era até então totalmente ignorado pela ciência.)





QUALIDADE DE VIDA, BRASIL NO FIM DA FILA

Levando em conta fatores como educação e saúde, meio ambiente, riqueza, pobreza e expectativa de vida, foi elaborado o Informe Anual Mundial Sobre Desenvolvimento Humano, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

De acordo com o informe de 2013, primeiro colocado, ou seja, o país onde a qualidade de vida está mais alta é o:

Canadá,

seguido por:

Estados Unidos,

Japão,

Holanda,

Finlândia,

Islândia,

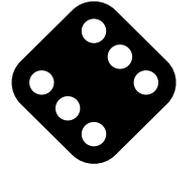
Noruega,

França,

Espanha

Suécia.

Estes, os dez primeiros. E o Brasil, onde está? Temos de ir lá para o final da lista, pois nos encontramos no 63º lugar.



O RICO MANTO DE COBERTURA VEGETAL DA TERRA

“Antes do nascimento da agricultura, 10 mil anos atrás, a Terra tinha um rico manto de florestas e bosques que cobria 6,2 milhões de hectares. Com a passagem dos séculos, uma combinação de derrubada de árvores, utilização comercial da madeira para vigas de construção, criação de pastos para gado e a coleta de madeira para combustível, a cobertura florestal da Terra reduziu-se em 4,2 milhões de hectares – um terço menos do que existia nos tempos pré-agrícolas”, informam Sandra Postel e Lori Heise, pesquisadoras do Worldwatch Institute, nos Estados Unidos.

Ou seja, restam hoje apenas 2 milhões de hectares. Um hectare tem 10 mil metros quadrados. Um dos problemas é que milhões de pessoas dependem da madeira para cozinhar seus alimentos. E como fazer? Impedir que comam? O homem moderno encontra-se num impasse, mesmo porque o ritmo de reflorestamento não acompanha o de desmatamento, e a maioria dos países não tem um programa de governo estruturado e organizado a esse respeito. Grande parte dos países não faz sequer um levantamento de suas florestas. Na América Latina, uma das inimigas das florestas é a criação de gado. Em lugar de usar um sistema de rodízio dos pastos existentes, cada vez mais derrubam-se árvores para formar novos pastos, abandonando-se os antigos.



AS FLORESTAS PODEM DESAPARECER?

O Fundo Mundial para a Natureza fez uma previsão alarmante, relata *O Estado de S. Paulo*, em março de 1996. As florestas mundiais correm o risco de desaparecer nos próximos 50 anos. Duzentos especialistas reunidos em Genebra, Suíça, no início de 1996, propuseram uma política florestal para impedir a destruição de 1% das florestas. Essa destruição está levando a alterações cada vez mais profundas do clima.



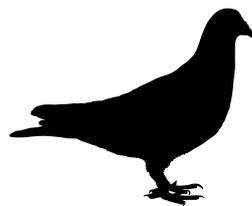
AS ÁRVORES E O CLIMA

O corte das árvores tem levado a um aumento da temperatura na Terra. Está cada vez mais quente. O corte provoca erosões que destroem o solo. Essas erosões conduzem sedimentos (terra e pedras) para os rios. Os leitos tornam-se rasos, as águas transbordam, ocupam as margens. As enchentes, de que se têm notícia cada vez mais frequentemente em geral são ocasionadas por esses fatores, entre outros. Está tudo interligado.



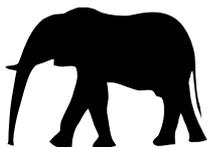
INACREDITÁVEL

O coronel Nestor Veríssimo, diretor da Colônia Agrícola de Fernando de Noronha, onde funcionou o presídio, famoso em todo o Brasil, em 1938 mandou destruir toda a mata nativa, rica, exuberante, com medo de os presos derrubarem as árvores para construir canoas e fugirem.



FIM DOS CERRADOS?

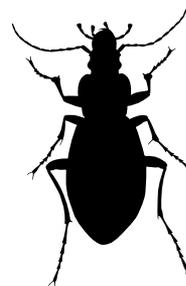
Toda a área agricultável do cerrado, uma das mais ricas savanas do mundo em termos de biodiversidade, corre o risco de desaparecer, concluiu o relatório *De grão em grão o cerrado perde espaço*, produzido pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF) e a Sociedade de Pesquisas Ecológicas do Cerrado. O cerrado é um terreno plano, tomado pela grama, com um tipo de vegetação caracterizado por árvores baixas, retorcidas, cascas grossas. Existe principalmente no chamado Planalto Central, onde se localiza Brasília, mas encontra-se também no Nordeste e em partes do Amazonas.



FLORESTAS FERIDAS DE MORTE

Em 1930, o Paraná tinha 84,1% de sua área de florestas. Cinquenta anos depois, apenas 5,1%. Em 1940, o Rio Grande do Sul tinha 40% de sua extensão territorial ocupada por matas. Em 1980, 1,8%. A revista *IstoÉ* divulgou dados do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF): “Em apenas cinco anos, de 1975 a 1980, segundo uma sequência de 2000 fotos tiradas por satélites, o total de florestas derrubadas na Amazônia passou de 2,8 milhões para 12,4 milhões de hectares – o equivalente à superfície dos estados de Alagoas, Paraíba e Espírito Santo juntos”.

Exploração intensiva, desmatamento irracional, tecnologias inadequadas e aplicação brutal de agrotóxicos fazem com que apenas o estado de São Paulo perca 200 milhões de toneladas de solo fértil, registrou o jornal ecológico *Estado de Alerta*, ao cobrir o 4º Congresso da Associação Brasileira de Geologia, em abril de 1984.



A Reserva Florestal da Cantareira, em São Paulo, pulmão da cidade, que funciona como barreira natural da umidade, retendo as chuvas, está ameaçada por loteamentos clandestinos, construções irregulares, ações de pedreiras, incêndios criminosos e depredações de vários tipos.

A Reserva de Paranapiacaba está quase morta, devido à ação do polo petroquímico de Cubatão. Troncos mortos ou podres, vida animal desaparecida, grandes clareiras, cobertura das árvores desaparecendo. Ferida de morte, a Serra do Mar pode responder na mesma medida. É bastante provável uma grande catástrofe, bastando apenas temporais violentos, que poderão ocasionar desabamentos e deslizamentos que fariam desaparecer do mapa vilas inteiras e o próprio polo petroquímico de Cubatão, repetindo o que aconteceu anos atrás no Litoral Norte, quando parte das montanhas escorreu para as cidades de Ubatuba e Caraguatatuba.

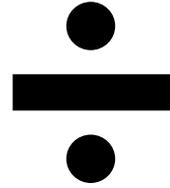


INCÊNDIOS CONSOMEM NOSSO TERRITÓRIO

Fotos nos jornais, imagens em todos os noticiários: o Brasil e o mundo estarecidos. Em agosto e setembro de 1988, uma notícia assombrosa percorreu o planeta Terra: a Amazônia estava sendo devastada por um gigantesco incêndio que consumia centenas de milhares de quilômetros quadrados de florestas. Emoção nacional e internacional. Todos procurando uma solução. Menos o governo que, quase acintosamente, extinguiu na mesma ocasião o Ministério do Meio Ambiente.

Uma reportagem de Liana John, no *Jornal da Tarde*, no dia 25 de agosto de 1988, retratava a extensão da tragédia. O texto seco e direto, ao mesmo tempo poético e rude, merece ser lido:

Todos os dias, de julho a outubro, a 900 km de altitude, um olhar eletrônico mede a extensão de nossa incompetência: centenas de milhares de quilômetros quadrados queimados no Brasil Central e na Amazônia. Insistentemente usado como a alternativa mais barata para abrir áreas agrícolas e renovar pastagens, o fogo atesta nossa incapacidade de gerenciar bem os recursos naturais de que dispomos. O fogo acaba com a fertilidade natural do solo: endurece a terra e a expõe à erosão. Ele empobrece a vegetação e abre caminhos para pragas e doenças. Invade reservas e parques; desequilibra ecossistemas inteiros e des-



trói, na Amazônia, árvores que nos valeriam milhares de dólares se aproveitadas por sua madeira nobre ou por suas propriedades químico-farmacêuticas.

A fumaça das queimadas joga na atmosfera uma quantidade de gases tóxicos que o ambiente não é capaz de reabsorver. Tais gases afetam a vegetação natural e cultivada, a vida dos animais, nossos pulmões e o equilíbrio da atmosfera. O gás carbônico e o monóxido de carbono, por exemplo, vão engrossar a lista dos gases que contribuem para o chamado efeito estufa, além de afetar a camada protetora de ozônio, a cerca de 25 km da superfície terrestre”.

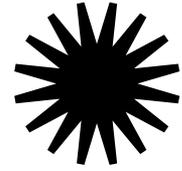
Em setembro do mesmo ano, um incêndio destruiu 17% do Itatiaia, um dos mais belos parques nacionais do Brasil. Na mesma época, grandes focos de incêndio foram detectados nas Serras da Cantareira e Caieiras, em São Paulo. O Parque Nacional das Emas, em Goiás, foi totalmente arrasado pelas chamas. Quatrocentos hectares de uma Área de Proteção Ambiental, em Botucatu, São Paulo, também foram consumidos pelo fogo.

Essa devastação descontrolada conduz a resultados terríveis: o mogno de Rondônia e o cedro estão em vias de extinção. A castanheira, que é protegida por lei, resente-se do fogo que compromete a base dos troncos.



A MORTE DE CHICO MENDES

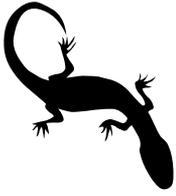
Um triste episódio colocou o Brasil nas manchetes do mundo inteiro em 1988. O assassinato do líder seringueiro Chico Mendes mostrou o quanto é séria a situação no norte do Brasil, em relação ao problema das terras e devastações. Grandes latifundiários, que ocuparam terras ilegalmente, por meio de grilagens, têm derrubado a mata, plantando pastagens no lugar. É o primeiro passo no caminho da desertificação, porque sabe-se que as terras da Amazônia são fracas, uma vez eliminada a intensa capa vegetal. Aos grileiros antepõem-se os seringueiros, que vivem das árvores da floresta, e uma verdadeira guerra se trava, com mortos e feridos. Chico Mendes foi assassinado na porta de sua casa, em Xapuri, quando se encontrava sob proteção policial, devido a ameaças de morte. O caso teve grande repercussão, com pontos negativos para a imagem do Brasil, já bastante arranhada pela opinião pública mundial.



O PODEROSO TATU GIGANTE

Existe no Brasil um tatu que, quando encurralado pelos caçadores, se transforma. De pé, apoiado em suas traseiras, ele chega a um metro. Suas garras tornam-se uma poderosa defesa com 12 centímetros de comprimento. Esse tatu tem o nome científico de *Priodontes maximus* (flora e fauna têm nomes científicos, que é o nome internacional pelo qual os cientistas de vários países os identificam e os reconhecem). Descoberto no Brasil em 1792, ele pode ser encontrado agora em uma reserva do município de Unaí, Minas Gerais.

Chamada de Santuário Vila Silvestre, esta é uma das muitas pequenas reservas que existem, administradas por particulares. Mesmo estando protegido dentro de uma reserva, esse tatu tem sido alvo de caçadores que invadem o local. Se de um lado alguns homens destroem, de outro há os que buscam refazer e construir. Tudo o que temos a fazer é decidir de que lado ficamos.



PAPAGAIO QUE NÃO VOA...

Um papagaio que não voa e a maior borboleta do mundo foram algumas das vinte espécies ameaçadas de extinção no ano de 1996. A expansão demográfica (superpopulação), a poluição e a caça predatória eram as responsáveis, afirma o Centro de Supervisão para a Conservação Mundial. Atualmente há mais espécies em extinção do que 100 anos atrás.





O HOMEM PRÁTICA ASSASSINATOS

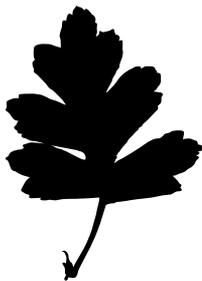
Desde pequenos, meus filhos e netos, se acostumaram ao meu modo de fazer as coisas. Cada vez que eu pretendia tentar uma experiência de vida ou ensinamento, recorria (e recorro) a fatos, histórias, notícias, deixando uma parte para vocês: a de fazer a ligação entre o que eu narrava e a vida em si. Confio na capacidade de raciocínio de vocês. E é isso o que faço agora, nesta carta que retrata um pouco o caos e a desorganização em que vivemos.

Vejo vocês, às vezes, folheando livros sobre a Pré-História, encantados e felizes com aqueles animais gigantescos que povoavam o mundo. Espécies extintas em função de uma evolução natural. Foi um processo que demorou milhares de anos, até que o último dinossauro desaparecesse, restando apenas ossadas inconcebivelmente grandes em museus, ou retratadas em livros que mais parecem fantasia.



Também fantasia vai parecer, daqui a algum tempo, a existência de tartarugas gigantes. Sabiam que elas existem no Brasil, resguardadas na reserva biológica de Trombetas, norte do Pará, encravadas na selva amazônica? Tartarugas remanescentes daquela época pré-histórica, bichos em proporções que impressionam enormemente. O que vocês não sabem é que essas tartarugas estão condenadas à morte. Não por um processo de dinamismo da natureza, mas sim pela atividade do homem, por essa destruição sistemática que ele pratica, com tal intensidade que consegue superar a ação da evolução natural, reduzindo o trabalho de milhares de anos a poucas décadas.

Naquele local em Trombetas vai surgir um lago, desses artificiais que começaram a aparecer no Brasil nos últimos anos: o represamento para alimentar uma hidrelétrica. O homem não faz seleção natural, ele pratica assassinato.



O FIM DE UMA MARAVILHA, SETE QUEDAS

Um dia, assim como a minha geração leu, maravilhada, os contos de fadas, mergulhando no mundo da fantasia de castelos, cavernas, labirintos, subterrâneos de gnomos, vocês vão ver filmes, observar fotos e ler sobre algo fantástico que se chamou Sete Quedas, delírio de águas espumantes, encadeado de cachoeiras escorrendo violentas, um dos prodígios da natureza neste país.

Perplexos, tão abismados quanto os peixes que subiam o rio na piracema e um dia chegaram a Sete Quedas e não encontraram nada, vocês vão descobrir que a maravilha foi sepultada debaixo de um lago tranquilo, de aparência morta e tediosa. Ajuntamento de água gigantesco, destinado a fornecer energia elétrica ao homem. Porque nesta vida artificial e automatizada, a cada dia mais o homem precisa da energia para seu “conforto” e “bem-estar”.

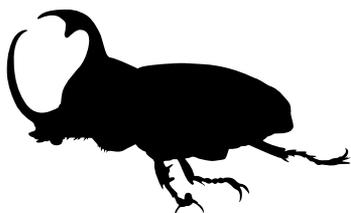
E não importa o quanto seja necessário destruir para se obter essa energia, venha ela do petróleo, cujas reservas se esgotam; ou do carvão, queimando-se florestas e mais florestas; ou das usinas hidrelétricas, represando-se os rios, mata-se peixes e paisagens; ou do álcool, bastando utilizar todas as terras disponíveis para o plantio de cana, em uma monocultura que se amplia dia a dia, ameaçando, no futuro, a própria produção de alimentos. Energia para a luz, os milhares de aparelhos necessários



e desnecessários ao cotidiano. Energia principalmente para o deslocamento dos automóveis, trens e aviões.

E se os meios convencionais e tradicionais de fornecer energia ameaçam se esgotar em prazos relativamente curtos, vamos então criar outra forma: uma energia que venha ameaçar, no futuro, a própria existência do homem sobre a Terra. É isso mesmo, falo de energia nuclear. Ah, sim! No começo deste século XXI foi inaugurada a hidroelétrica de Ilha Grande, no rio Paraná, 170 km ao norte de Foz do Iguaçu, na fronteira entre os Estados do Paraná e Mato Grosso do Sul. O lago tem a grandeza de 802 mil quilômetros quadrados, um dos mais extensos do Brasil. A implantação desse lago representou a perda de milhares de hectares de terras produtivas.

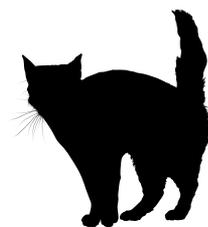
Tenho olhado os seus cadernos e livros de escola. Nunca encontrei neles a menor referência a um mundo de acontecimentos que, parece-me, deveriam ser mostrados desde a escola. Quando a matéria é História, por que os livros não esclarecem que a devastação do Brasil começou com sua própria descoberta, quando os portugueses passaram a levar embora o pau-brasil e dezenas de outras madeiras nobres?



CORRUPÇÃO AFETA O RIO SÃO FRANCISCO

Os livros de geografia, ao referirem-se ao rio São Francisco, acentuam com orgulho a “unidade nacional” que ele proporciona. Não contam, porém, como está hoje esse rio, que teve a vegetação das margens arrasada, causando a erosão e a conseqüente sedimentação hidrográfica. A sedimentação torna o leito mais raso. A água alaga as margens, destrói a vegetação, provoca enchentes, deteriora a vida aquática, altera o equilíbrio biológico, atrai endemias ou epidemias. A sua transposição para irrigar terras áridas foi iniciada, mas não foi concluída. As obras estão paradas e o dinheiro destinado às obras foi desviado por políticos e empreiteiros. No ano de 2013, registrou-se uma das maiores secas na história do Nordeste.

Acrescentem-se a isso as indústrias que despejam resíduos químicos nas águas, provocando a morte dos peixes. Atualmente existem poucos peixes vivos neste rio.

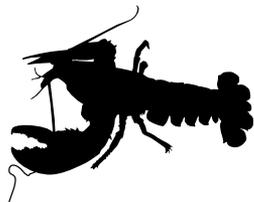


ESTUPRANDO A MAIS BELA PRAIA

A Folha do Meio Ambiente, um radar aberto para tudo o que acontece no Brasil, denunciou, em maio de 2013, que a praia de Tambaba, localizada na Área de Proteção Estadual da Paraíba, está prestes a desaparecer do mapa, para ser transformada em um local exclusivo para quem tem muito dinheiro. Ah, diz o Caetano Veloso: “o poder do dinheiro que constrói e destrói belezas”.

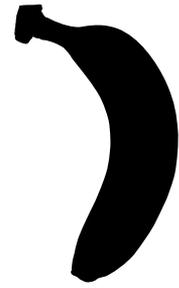
Foi anunciado que ali será construído um complexo turístico com quatro resorts, totalizando 1892 apartamentos, campo de golfe de 18 buracos, três clubes, um centro comercial e estacionamento para 1.400 vagas.

O jornalista Reginaldo Marinho declarou em alto e bom som: “Não vale estuprar a mais bela praia de naturismo do mundo”. Já Sandra Maria Ortigosa, do Movimento em Defesa da APA de Tambaba declarou: “O monstruoso empreendimento turístico e imobiliário que se pretende implantar nesse lugar irá provocar um impacto irreversível sobre o meio ambiente, com a poluição do rio Garaú e a perspectiva de uma urbanização desordenada no entorno. Sem falar da extinção da praia naturista de Tambaba, que é um cartão-postal da Paraíba e atrativo turístico internacional. [...]”



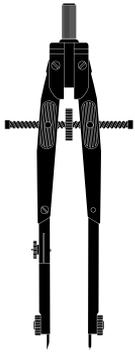
O QUE A CIÊNCIA FAZ PELO AMAZONAS?

Conheci Paulo Vanzolini pessoalmente e me encantei com sua figura doce, irritada, indignada, amorosa, poética. Eu o entrevistei duas vezes na vida, uma delas para um número especial da revista *Vogue* que, na época, eu editava. O autor de clássicos como *Ronda* e *Volta por cima* morreu neste ano de 2013. Em Brasília, onze anos atrás, Vanzolini fez um show no *Feitiço Mineiro*, ao lado da cantora Ana Bernardo, e, depois de cantar, ele dialogou com o público. Uma de suas falas me impressionou: “Sabe qual é o papel da ciência brasileira nessa história toda da Amazônia? Infelizmente não tem papel nenhum. A ciência brasileira virá depois, é caudatária. A questão hoje é política e econômica” (li na *Folha do Meio Ambiente*, de maio de 2013).



MISTERIOSAS INUNDAÇÕES DURANTE A SECA

Está ocorrendo no Brasil uma completa deterioração da hidrografia rural e urbana. A sedimentação nos rios das cidades ocasiona o entupimento de esgotos e canalizações, provocando inundações. No ano de 1980, na cidade paulista de Moji das Cruzes, ocorreram misteriosas inundações em pleno tempo seco. As leis de proteção aos mananciais nas regiões metropolitanas não são cumpridas, pois os administradores nem mesmo sabem que tais leis existem.



GANÂNCIA, AMBIÇÃO, DINHEIRO E DESTRUÍMOS TUDO AO REDOR

Ah, o mundo que estamos preparando para vocês! Como não ter vergonha deste presente que desfaz o futuro? Por séculos o homem atacou a natureza e o meio em que vivia. Geralmente em função da própria sobrevivência. Mesmo os excessos eram corrigidos pela força da natureza. Era uma depredação controlada, diminuta, gradual, deixando ao meio ambiente possibilidades de recuperação.



Mas o homem descobriu a máquina,
veio a Revolução Industrial, a tecnologia desenfreada
e mal-utilizada,
cresceu a ambição da vida “confortável”, fácil, automa-
tizada,
a necessidade do lucro imediato.
Os meios de destruição multiplicaram-se,
Tornaram-se fortes, poderosos.
Ninguém mais pode contra os tratores,
motosserras, correntões,
desfolhantes (produtos químicos que fazem cair todas as
folhas das árvores).
Cavou-se a terra em busca de minérios,
petróleo, as reservas esgotam-se. E com a vida moderna
derrubamos as matas, poluímos as águas
envenenamos o ar, arruinamos a atmosfera
intoxicamos a produção de alimentos
estamos tornando a vida impossível.
Mas ainda há retorno.
Desde que seja imediato.





AS ONÇAS ESTÃO ACABANDO NO PARQUE NACIONAL DO IGUAÇU

O homem é predador, dizima o que vê, o que pode. Caçadores ilegais vêm provocando a extinção das onças pintadas no Parque Nacional do Iguaçu, no Paraná, parte ínfima do que foi a Mata Atlântica. Essa foi a conclusão dos estudos feitos por Ronaldo Morato, coordenador do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros, do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, e de Peter Crawshaw Jr, considerado um dos maiores especialistas em onças neste país. Em 15 anos, concluíram os dois, o número de onças caiu 80% em Iguaçu e continuará a diminuir e, em mais 80 anos, estará completamente extinta. Com a extinção das queixadas – pelos mesmos caçadores – alimento natural das onças, estas avançam sobre os rebanhos das muitas fazendas do local. O que ocorre? Os fazendeiros também as matam. Além das queixadas já extintas, estão no mesmo caminho os veados e os porcos-do-mato. Uma boa ideia seria mandar para lá como fiscais os milhares de assessores de deputados e senadores que ganham fortunas para não fazer nada. Dessa forma eles trabalhariam.



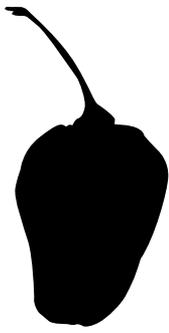
ACREDITEM, SE QUISEREM

Quando adolescente, havia nos jornais uma seção muito curiosa que alinhava fatos, objetos, homens e animais impossíveis. Mas reais. Chamava-se “Acredite, se Quiser” e tornou-se uma série de televisão. De uma relação inesgotável de “fatos em que não dá para acreditar, mas estão se passando debaixo dos nossos olhos”, no Brasil e no mundo, vou montar para vocês um “Acredite, se Quiser”.



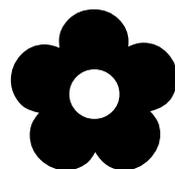
PEIXES DE OLHOS ARRANCADOS

Na represa do balneário Laranja Doce, na Alta Sorocabana, estado de São Paulo, começou a aparecer peixes mortos com os olhos arrancados. Os banhistas que mergulhavam na represa saíam com olhos irritados além de doerem muito. Nas proximidades da represa foi encontrado um grande número de fossas negras. Descobriu-se que tinham utilizado descontroladamente um veneno especial para combater caramujos, e tudo se alterou nas águas.



TAINHAS CEGAS

Um fenômeno registrado no litoral de Santa Catarina em 1980: o surgimento de tainhas cegas e com a barriga podre.



GUERRA NO PANTANAL

Usinas de álcool e açúcar de São Paulo e Mato Grosso estão usando cursos de água que desembocam no Pantanal para despejar o vinhoto, mortal à vida nas águas. Técnicos também detectaram o uso do desfolhante Thordon, componente do célebre agente laranja, utilizado no Vietnã durante a guerra. Além do mais, a ação dos coureiros, caçadores clandestinos de couro, não tem encontrado a mínima repressão, com a consequente morte de milhares de jacarés todos os anos.



VIETNÃ ARRASADO

O maior problema do Vietnã depois da guerra (conflito no sudeste asiático entre 1955 a 1975, no qual morreram 6 milhões de vietnamitas e cambojanos. A guerra dividiu os Estados Unidos que terminou derrotado por uma micro-nação, traumatizando os americanos) são os efeitos danosos da guerra química. O uso de milhões de toneladas de desfolhantes acabou por matar as florestas. As bombas abriram crateras e inutilizaram a terra, que vai necessitar de muitos anos para recuperação. Com isso, não há como produzir alimentos, prevendo-se calamidade similar à da Etiópia, um país devastado e que pouco produz.



AMEAÇA DA PETROBRÁS

A construção de um terminal da Petrobrás em Corumbá, o ponto de entrada para o Pantanal, constitui séria ameaça. Em caso de acidente – e basta verificar como eles têm sido comuns nas áreas de Santos e São Sebastião –, os efeitos sobre o Pantanal serão catastróficos.



A NUVEM ASSASSINA

É o título da matéria da *Veja* que assinalou um dos maiores acidentes químicos do século: o vazamento de isocianato de metila, gás mortífero, na fábrica da Union Carbide, em Bhopal, na Índia, em dezembro de 1984. Oficialmente: três mil mortos. Mas houve também cegos, paralíticos e milhares intoxicados, não se sabendo ainda quais serão, no futuro, os efeitos da tragédia.



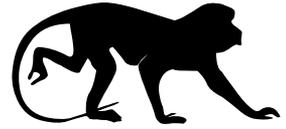
PASSARINHADA DO PREFEITO

Em julho de 1984, o então prefeito Nivaldo Orlandi, da cidade paulista de Embu, recanto de conservacionistas, assombrou o Brasil ao oferecer a correligionários políticos uma passarinhada. Alertada, a polícia compareceu e encontrou espetos com pedaços de tomate, cebola e nada menos do que passarinhos: dois mil e quatrocentos tico-ticos, rolinhas e sabiás. Orlandi e amigos receberam a socos a polícia e a imprensa.



CONTINUAMOS A MATAR BALEIAS

Em outubro de 1984, foi divulgada a decisão do Brasil na reunião da Comissão Internacional da Baleia, realizada em Buenos Aires. Não iríamos respeitar a cota limite de trezentas e quarenta e cinco baleias na atual temporada. A vitória foi do Japão, que é quem mata baleias em nossas costas.



O ATAQUE DAS FORMIGAS

Em Inajá, noroeste do Paraná, os fazendeiros viram-se impotentes contra um fenômeno: milhares de formigueiros ocuparam todos os pastos, acabaram totalmente com a vegetação e expulsaram o gado. Peritos analisaram o território, concluindo que a má utilização do solo conduziu a um sistema de erosão, incontrolável, e ao surgimento das formigas. Na região existe cerca de 1 milhão de hectares desertificados.



A TRAGÉDIA DE RORAIMA

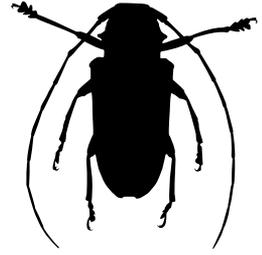
E o que dizer quando um estado como Roraima se viu quase inteiro destruído por um incêndio interminável que consumiu suas melhores matas? E os governos (Estadual e Federal) que não tiveram técnicas nem recursos para combater o fogo e chamaram os pajés indígenas para efetuar cerimoniais religiosos, atraindo chuva sobre o fogo.. Teriam sido os índios mesmo? Não é uma situação irônica, em pleno limiar do novo milênio?





AS GRUTAS E O AEROPORTO

A construção do novo aeroporto de Belo Horizonte ameaçou seriamente as Grutas da Lagoa Santa, ponto importante no estudo da antropologia e da paleontologia brasileira. No Paraná, as “minas de cal” estão arrasando várias cavernas naturais de grande porte. Já as minas da Lapa Vermelha, em Minas, acabaram por causa da produção de cimento.



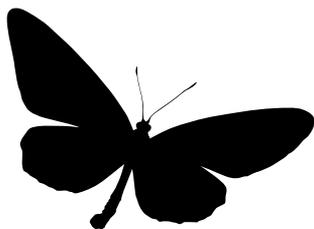
MAIS INACREDITÁVEL AINDA

Epa!

Em 1979, caiu neve no deserto do Saara.

Opa!

Em junho de 1980, inexplicável e assustadora onda de calor abateu-se sobre os Estados Unidos, matando mais de mil pessoas em uma semana.



A NATUREZA AVISA, O HOMEM QUE SE CUIDE

Escolhemos aqui e ali algumas grandes e pequenas tragédias que servem para acionar o sinal amarelo: a natureza avisa, o homem que se cuide.

Eu poderia, meus filhos – apenas fazendo relatórios sintéticos –, preencher volumes sobre estes sinais de alerta. O importante é que vocês saibam que não são apenas os “grandes atos” que agrirem a natureza e o meio ambiente. Eles vão dos desastres, como o da Usina Nuclear de Three Mile Island, nos Estados Unidos, cujo reator se rompeu, deixando vazar radioatividade ao trabalho contínuo dos palmiteiros em nosso litoral.

Passam pelas floriculturas, que costumam invadir reservas em busca de parasitas e orquídeas, e chegam ao uso indiscriminado de detergentes não degradáveis. Envolvem os grupos que exploram a madeira de Tucuruí, assim como os pescadores que não respeitam a piracema, que usam redes para apanhar fêmeas na desova ou barcos que pescam camarões novos.

Temos de prestar atenção nos mínimos gestos e ações, e observar se eles não estão contribuindo, de um modo ou de outro, para atingir a natureza.



PLANETA ÁGUA

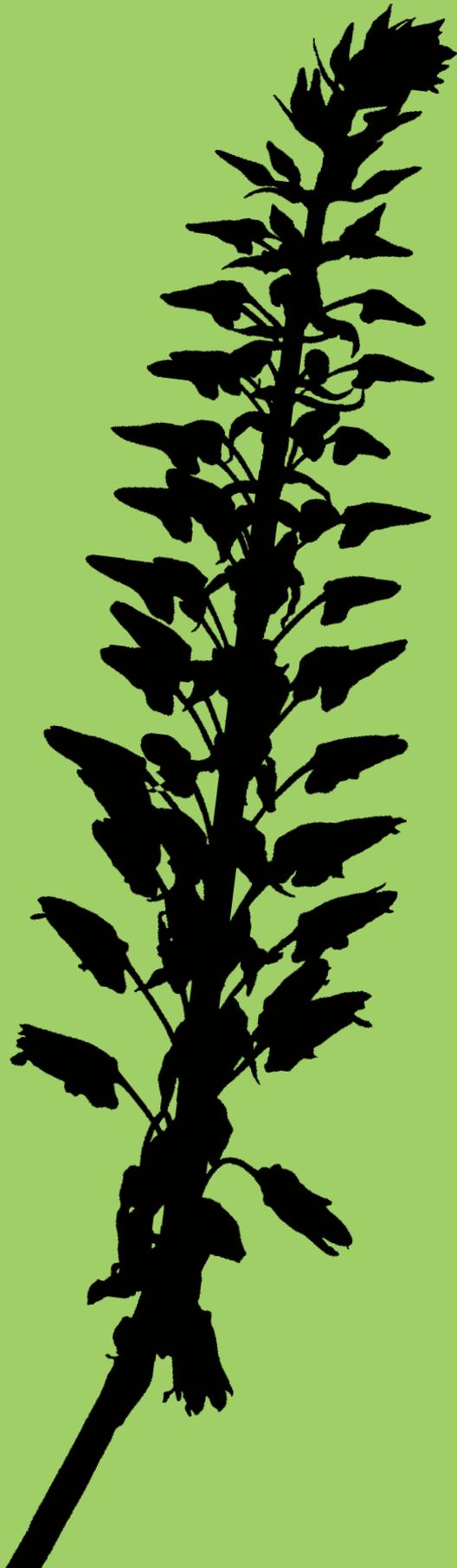
Sabiam que a Terra podia ser chamada de Água? Sabiam que existe mais água que terra neste planeta? Reunindo oceanos, mares, rios, lagos, mananciais, as águas cobrem cerca de 3/4 da Terra. O volume de água é de 1,4 bilhões de quilômetros quadrados.

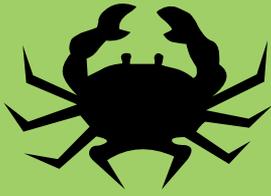
Pois a água, tão essencial quanto o ar para a vida, tem sido agredida por todos os meios possíveis. Nos oceanos e mares são despejados todos os tipos de detritos e esgotos, sem falar dos vazamentos dos grandes petroleiros. Pratica-se a pesca indiscriminada. Nos rios, são derrubadas as matas das margens, pratica-se a garimpagem (joga-se mercúrio, elemento altamente tóxico, nas águas), indústrias lançam seus resíduos venenosos etc.



DOIS OCEANOS SUBTERRÂNEOS NO BRASIL

Não são muitos os que sabem da existência da Agência Nacional de Águas, ANA, que tem feito estudos das águas subterrâneas, algo novo no país, porque ao contrário do petróleo, nunca foi prioridade quando se sabe que, atualmente, é a grande preocupação. Célebre, porque recebeu muita atenção da mídia é o Aquífero Guarani, localizado nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, um verdadeiro mar que fica abaixo de nós, com 37 mil quilômetros cúbicos de água. Falou-se pouco do Aquífero Alter do Chão, descoberto em 1950, na região Norte, conhecido como Grande Amazônia e que contém nada menos do que 160 mil quilômetros cúbicos de água. Infelizmente, até hoje o governo não se preocupou em aprofundar os estudos dessas reservas. Tentativas de obter financiamento para pesquisas acadêmicas junto ao Banco Mundial tiveram resultados infrutíferos.





DIREITOS DA ÁGUA

A água é tão fundamental, colocando os olhos no futuro, que foi estabelecido um documento universal, ao qual se deu o nome de *Direitos da Água*.

Foi criado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em uma conferência no ano de 1992, o Dia Mundial da Água, celebrado no dia 22 de março desde 1993. A ONU redigiu um documento chamado *Declaração Universal dos Direitos da Água*. Vale a pena conhecer estes direitos:

- 1 A água faz parte do patrimônio do planeta. Cada continente, cada povo, cada nação, cada região, cada cidade, cada cidadão, é plenamente responsável aos olhos de todos.
- 2 A água é a seiva de nosso planeta. Ela é condição essencial de vida de todo vegetal, animal ou ser humano. Sem ela não poderíamos conceber como são a atmosfera, o clima, a vegetação, a cultura ou a agricultura.
- 3 Os recursos naturais de transformação da água em água potável são lentos, frágeis e muito limitados. Assim sendo, a água deve ser manipulada com racionalidade, precaução e parcimônia.
- 4 O equilíbrio e o futuro de nosso planeta dependem da preservação da água e de seus ciclos. Estes devem permanecer intactos e funcionando normalmente para garantir a continuidade da vida sobre a Terra. Este equilíbrio depende, em particular, da preservação dos mares e oceanos, por onde os ciclos começam.



- 5 A água não é somente herança de nossos predecessores; ela é, sobretudo, um empréstimo aos nossos sucessores. Sua proteção constitui uma necessidade vital, assim como a obrigação moral do homem para com as gerações presentes e futuras.
- 6 A água não é uma doação gratuita da natureza; ela tem um valor econômico: precisa-se saber que ela é, algumas vezes, rara e dispendiosa e que pode muito bem escassear em qualquer região do mundo.
- 7 A água não deve ser desperdiçada, nem poluída, nem envenenada. De maneira geral, sua utilização deve ser feita com consciência e discernimento para que não se chegue a uma situação de esgotamento ou de deterioração da qualidade das reservas atualmente disponíveis.
- 8 A utilização da água implica em respeito à lei. Sua proteção constitui uma obrigação jurídica para todo homem ou grupo social que a utiliza. Esta questão não deve ser ignorada nem pelo homem nem pelo Estado.
- 9 A gestão da água impõe um equilíbrio entre os imperativos de sua proteção e as necessidades de ordem econômica, sanitária e social.
- 10 O planejamento da gestão da água deve levar em conta a solidariedade e o consenso em razão de sua distribuição desigual sobre a Terra.



MUDARMOS OS HÁBITOS

É importante saber, contudo, que existem pequenos e grandes movimentos.

Acima de tudo pequenos e grandes gestos.

Veja como:

- 1 Não cuspa ou escarre na rua. São germes, bactérias que ali ficam.
- 2 Não jogue o papel e o palito do sorvete na calçada. Nem a embalagem do salgadinho, do chiclete ou da bala. Procure uma lixeira.
- 3 Não largue na areia da praia a latinha do refrigerante, da cerveja, a caixinha de suco, qualquer tipo de recipiente plástico que você levar com comida ou bebidas ou o maço vazio do cigarro.
- 4 Na praia tenha à mão um saco plástico para guardar restos de pastéis, coxinhas, empadas, qualquer tipo de comida. Levá-lo para sua casa ou depositá-lo em uma lixeira próxima, se houver, porque muitos municípios tratam a praia como quintal imundo. O lixo orgânico nas praias contribui para a proliferação de fungos que transmitem doenças de pele, alergias e infecções respiratórias.



- 5 Não lave calçadas, jardins, pátios com mangueiras, desperdiçando água. Use balde e vassoura.
 - 6 Não limpe a calçada jogando o lixo nos bueiros, entupindo-os.
 - 7 Não jogue pilhas no lixo comum. Consiga um recipiente para guardá-las e depois entregá-las aos órgãos que as reciclam.
 - 8 Recicle o lixo em sua casa.
 - 9 Tente conscientizar amigos, vizinhos, parentes quanto à reciclagem.
 - 10 Use detergentes orgânicos que não prejudiquem a natureza.
 - 11 Ao escovar os dentes feche a torneira, economizando água. O mesmo deve ser feito por quem já faz barba. Não deixe a água correr indefinidamente.
- Estes e muitos outros são os pequenos gestos que contribuem para a conservação do meio ambiente.



O LIXO PODE SER ENERGIA

Sabem quanto lixo é produzido no mundo por ano? Também eu não sabia até ler o ótimo caderno sobre meio ambiente que veio encartado na revista *Brasileiros*. São nada mais, nada menos que 11,2 bilhões de toneladas, segundo a ONU. Depois de décadas procurando saber o que fazer com o lixo, de montar lixões por toda a parte, o mundo descobriu que queimar o lixo pode gerar energia. A queima gera vapor, que é convertido por meio de turbinas em energia elétrica. Mais de 30 países no mundo vêm apostando no lixo como uma das formas de resolver um grande problema, o do lixo em si, fazendo com que seja útil para a sociedade. Em São Bernardo do Campo, Barueri e Mogi das Cruzes já há projetos para buscar energia dessa maneira. O programa Nacional de Resíduos Sólidos prevê o fim de todos os lixões no Brasil até o final de 2014.



MULTA PARA LIXO

Em Belo Horizonte e em São Paulo, a lei autoriza multa para os mal-educados que costumam lançar lixo pelas janelas dos carros, um péssimo costume brasileiro.



CUIDADO COM AS PILHAS

Um vereador de São Paulo, muitos anos atrás, apresentou um projeto que torna obrigatório o recolhimento de pilhas e baterias descarregadas. Recipientes apropriados, localizados em locais-chave e de fácil acesso (padarias, por exemplo) acolheriam esse material, que seria recolhido pelos próprios fabricantes na hora de reposição do produto. As pilhas são extremamente nocivas ao meio ambiente porque possuem materiais pesados, como manganês, chumbo, zinco e elementos químicos perigosos como cloreto de amônia e cádmio. Pilhas descarregadas são altamente tóxicas. Uma enorme rede de farmácias paulistanas, a Drogaria São Paulo, distribui por todos os seus prédios caixinhas especiais para recolher as pilhas e entregá-las para organizações que cuidam do assunto.



ORGANIZAÇÕES EM ALERTA CONSTANTE

Existem as grandes e médias organizações preocupadas o tempo inteiro como o meio ambiente. Como o Greenpeace, que alerta tudo o que ocorre no mundo (as experiências nucleares, por exemplo, ou a matança de baleias). Ou no Brasil, como a SOS Mata Atlântica, a Sociedade Brasileira de Preservação aos Recursos Naturais e Culturais da Amazônia, a Fundação Pró-Natura, o Grupo Seiva (organização particular), o Grupo Ambientalista da Bahia (GAMBÁ), a Associação de Preservação e Equilíbrio do Meio Ambiente de Santa Catarina. Entre muitos outros, como a Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza. Vamos contar aqui sobre algumas organizações têm batalhado, cada um em seu meio, em sua região, em sua cidade, em seu bairro. É possível mudar a cabeça, basta insistir, e muito.

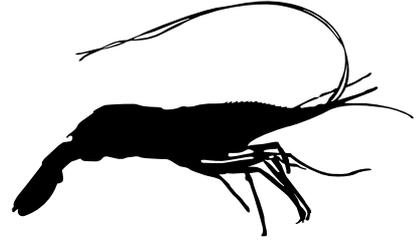


UMA CASA NO ALTO DA ÁRVORE

Ter uma casa no alto de uma árvore sempre foi sonho de toda criança, mesmo dessas que vivem em plena era do computador e dos *video-games* e de toda a cibernética que envolve a vida moderna. Pois na Inglaterra, em fevereiro de 1996, um grupo de duzentas pessoas, que se apelidaram *ecoguerrilheiras*, ficou morando, durante meses, no alto de árvores nos arredores de Newbury, cidade próxima a Londres.

Não era brincadeira, nem um sonho de criança realizado por adultos. Era parte de uma batalha contra a construção de uma autoestrada que custaria a vida de florestas inteiras e a poluição de vários rios, em uma região que interessa aos cientistas britânicos, por ser uma das áreas mais ricas em biodiversidade na Inglaterra. Ali, entre outras, é o hábitat do *dermouse*, um animal roedor, e do caramujo *vertigo moulinsiana*, ambos em extinção.

A estrada tinha o objetivo de evitar congestionamentos na cidade de Newbury. Os *ecoguerrilheiros* provaram que a obra era dispensável e não resolveria o problema, porém a construção continuou, protegida por seguranças. A vida nas árvores não foi fácil. Os participantes enfrentaram chuva e frio, lama e fome e os banheiros eram no mato. Foi uma campanha tão bonita, que muitos dos seguranças das empresas construtoras e dos policiais viraram a casaca, trocaram de lado, tornaram-se *ecoguerrilheiros*.



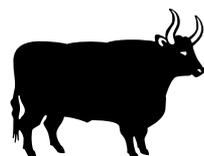
MOBILIZAÇÃO PARA SALVAR BALEIAS

O homem é um ser complexo, contraditório. Ao mesmo tempo que agrade a natureza, é capaz de gestos que emocionam e arrastam a opinião pública mundial. Em 1988, duas baleias foram salvas por um movimento de solidariedade. Elas estavam presas em um buraco de gelo no Polo Norte. Condenadas a morrer. No entanto, o mundo se mobilizou, então Rússia e Estados Unidos juntaram-se, milhões de dólares foram gastos em uma operação que envolveu vários navios da marinha dos dois países. Acompanhando o noticiário todos os dias, respiramos aliviados quando as baleias, livres do gelo, se encaminharam para o mar, para a vida. Incoerente e paradoxal o ser humano! Quantas vezes deixa seus semelhantes morrerem, quantas vezes mata em uma guerra? E, no entanto, é capaz de um gesto como esse, para salvar duas baleias. De que matéria somos feitos?



LOUCOS VARRIDOS

Cidadãos cheios de boa vontade têm se reunido em várias cidades para ajudar na limpeza de suas quadras e de seus bairros. Uma tarefa do poder público que não tem sido executada. Porém, é impossível limpar tudo o que a população atira na rua o tempo inteiro. Desse modo, donas de casa, estudantes, empresários e até pessoas do meio artístico têm saído de vassoura e rastelo em punho, fazendo a limpeza. O nome do programa é simpático: *Movimento Loucos Varridos*.



ARTISTAS VERDES

Brigitte Bardot foi, nos anos 1950, uma das maiores estrelas de cinema do mundo. Uma espécie de Sharon Stone da época. Depois que abandonou o cinema, Brigitte dedicou-se inteiramente à defesa dos animais. Tem feito campanhas memoráveis e chamado a atenção da mídia. Uma de suas maiores causas foi defender a matança indiscriminada de leões-marinhos, nos anos 1970. A nossa Sônia Braga, conhecida pelo papel de Gabriela, na novela tirada do romance de Jorge Amado, faz parte do *Movimento Loucos Varridos*. E não se incomoda nem um pouco de ser fotografada de vassoura e saco de lixo na mão, ajudando a limpar a cidade. Fez isso no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. Em lugar de rir, criticar e dizer que a Sônia está louca, deveríamos imitá-la!



VIGILANTES DO VERDE

São Paulo tem nas ruas e parques 200 espécies de árvores. Em 1992, uma empresa especializada fez uma avaliação de 6 mil, descobrindo que mais da metade está infestada pelo cupim e pela broca. Em 1994, 189 escolas municipais integraram-se ao projeto *Um Milhão de Árvores*. Duas mil crianças inscreveram-se, recebendo o título de Vigilantes do Verde. Plantaram 4.500 árvores nas escolas e nas proximidades de suas casas que serão fiscalizadas por elas mesmas, as Vigilantes. Passados vinte e um anos, mais do que o prazo de maioridade humana, onde está o tal projeto? Teve continuação? Quais os resultados? As administrações mudam, as boas coisas são esquecidas, porque pertenceram a outro partido, a outro nome.



TODOS SÃO FISCAIS

A Fundação Matutu cuida do Vale do Matutu, santuário ecológico na Serra da Mantiqueira, sul de Minas Gerais, onde se localizam florestas primárias, 85 nascentes e bosques de araucária, que são protegidas pela Associação de Moradores e Amigos do Matutu e Pedra. É feita vigilância constante pelos próprios moradores, a pé ou a cavalo, pelas trilhas. Até as crianças ficam alertas ao menor barulho e, ao primeiro sinal suspeito, avisam os adultos que correm atrás de incendiários, caçadores e devastadores.



PROTEGENDO A SERRA

Nos anos 1990, ambientalistas gaúchos percorreram, a pé, quilômetros da Serra do Rio do Rastro, em Santa Catarina, fazendo uma limpeza. Eles recolheram 50 quilos de lixo (garrafas, copos e garrafas plásticas, embalagens de cigarro, embalagens de salgadinhos, entre outros). A Serra do Rio do Rastro tem uma comissão de defesa para protegê-la e dela fazem parte muitas crianças.

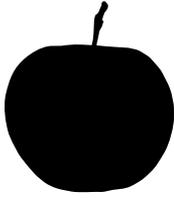


AVES VOLTAM

A imprensa de São Paulo registrou em 2011 o aumento do número de espécies na capital de São Paulo, em lugar de diminuir, como bradam os pessimistas.

Cada vez mais tem aumentado o número de aves nas cidades. Os programas de arborização urbana e pessoas têm plantado mais árvores em suas casas e ruas, isto é um grande atrativo para inúmeras espécies de aves que vem atrás de alimento, como frutas e sementes.

O Centro de Estudos Ornitológicos (que se ocupa do estudo das aves) registrou que em 1986 havia na cidade 134 diferentes espécies de aves. Entre as aves que retornaram estão a alma de gato, a ararinha, o socó-dorminhoco, o pica-pau Benedito entre outras. No ano de 2012, 488 espécies foram registradas na cidade de São Paulo.

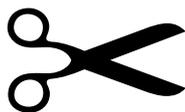


SELO VERDE

Outra notícia animadora vem estampada no informativo Update, da Câmara Americana de Comércio, de junho de 1996. Ela diz: “[...] O Brasil e mais 30 [...] países já adotaram os selos verdes, que incentivam o uso de produtos e tecnologias menos agressivas ao meio ambiente. Transmitem ao consumidor a confiança de que o produto atende a bons padrões ambientais. No Brasil, o selo verde é um beija-flor, elaborado pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). A obtenção do selo leva em conta a adequação do processo de fabricação às normas vigentes, é já um diferencial dos produtos – um atrativo para o consumidor na hora de fazer suas compras”.







EMPRESAS PREOCUPADAS

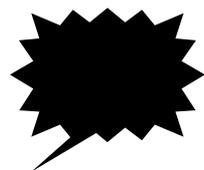
Nem toda indústria é inimiga do meio ambiente. A Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração mantém um Centro de Desenvolvimento Ambiental, em Araxá, Minas Gerais, que se preocupa com a reconstituição de áreas modificadas pela intervenção humana. A empresa preocupa-se com o reflorestamento, a implantação de medidas que diminuam os efeitos poluidores e a criação de nichos ecológicos para preservar a fauna e controlar a erosão e o ressecamento do solo. O Centro já conseguiu a reprodução do lobo-guará em cativeiro, afastando a ameaça de extinção da espécie.

É possível conseguir folhetos por meio do seguinte endereço:

Caixa Postal 8.

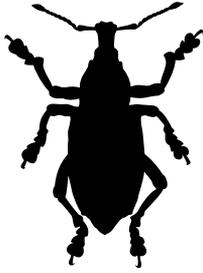
Córrego da Mata s/n,

CEP 38180-000, Araxá, MG.



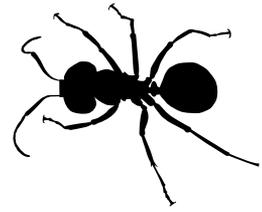
PROTOCOLO VERDE

Este é o nome de um projeto assumido por alguns grandes bancos oficiais que se comprometem a trabalhar em conjunto, buscando a melhoria do meio ambiente. Algumas coisas começam a andar. Foi definido, em 1996, importante segmento do Protocolo. Esses bancos possuem agora uma lista de 1200 empresas que estão cadastradas como agressoras do meio ambiente. Nenhuma dessas conseguirá empréstimos oficiais até que “limpe” o nome, ou seja, tome providências para deixar de degradar o meio ambiente. Como em geral empresas precisam de empréstimos e os bancos oficiais têm programas de incentivos, com juros especiais mais baixos, é provável que sentindo o problema na carne, as empresas mudem a mentalidade.



ATÉ QUE ENFIM

A partir de 1996, os governos de Minas Gerais e de São Paulo, em cooperação com o Governo Federal, prometeram e assinaram acordos, comprometendo-se a investir US\$ 9 milhões na recuperação da bacia hidrográfica do rio Paraíba do Sul e da Mata Atlântica. Ficou na promessa. Repito. As campanhas são boas, as ideias e projetos, de primeira. O problema é que os governos mudam. E um jamais completa o programa do anterior, mesmo que interesse à comunidade. Mudemos essa mentalidade.



PORCOS LIMPOS

O governo do Mato Grosso lançou há anos o projeto Granja de Qualidade, destinado a isentar, com enorme porcentagem, os impostos de quem cria porcos com tecnologia que não agrida o meio ambiente.



DESPOLUINDO POSTOS DE GASOLINA

Postos de gasolina ecológicos. Tecnologias inovadoras evitam e controlam vazamentos de óleos lubrificantes e combustíveis que poluem os lençóis freáticos (pequenos ou grandes rios subterrâneos que alimentam lagos e rios, em geral mananciais de água potável) ou escorrem para dentro das redes de água e esgoto. Um sistema computadorizado impede a evaporação dos gases que poluem a atmosfera.



O GÁS DAS GELADEIRAS

Ainda que lentamente, porque o processo exige pesquisas e muito dinheiro, algumas grandes firmas estão se voltando para a preservação. Desse modo, já existem no mercado, geladeiras ecológicas, ou seja, aquelas que não usam o gás CFC, perigosíssimo para a Camada de Ozônio. O novo gás é o 134a, inofensivo. Espera-se que todas as geladeiras aposentem o CFC.



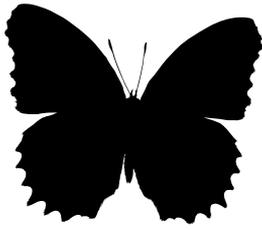
PAU-BRASIL

No ano passado, uma grande empresa multinacional, a Amway, gostou da ideia da Fundação Pau-Brasil do Recife, criada em 1970 por Roldão de Siqueira Fontes. A empresa investiu 215 mil dólares em um projeto que levou sessenta mil mudas de pau-brasil para nove capitais. O termo “brasil” vem de brasa, vermelho, e o pau-brasil é madeira vermelha. A árvore está em extinção e a intenção é colocar a madeira de volta à paisagem brasileira. Saibam que o pau-brasil é a madeira ideal para fabricar violinos.



USANDO E RECUPERANDO

Flora Tietê. As olarias (fábricas de tijolos) e indústrias de cerâmica (ladrilhos) usam muitas árvores para alimentar os fornos de cozimento. Calcula-se que somente no estado de São Paulo são consumidas 500 mil árvores, a maioria delas de eucaliptos. O projeto Flora Tietê, da Associação de Recuperação Florestal do Médio Tietê, localizada em Penápolis, organizou uma verdadeira fábrica de mudas que produz 1.200.000 árvores por ano, além de instalar um viveiro de mudas nativas da Mata Atlântica, que serão plantadas nas matas ciliares. Usa-se, por necessidade, mas procura-se repor plantando as mudas.



EXPLICANDO

O que é mata ciliar? É aquela que fica junto a nascentes, rios, lagos e protegem as margens da erosão e do assoreamento (terra que desliza para dentro da água). São matas sempre úmidas, ricas em animais silvestres. Elas facilitam a infiltração da água pela terra, auxiliando na formação dos lençóis subterrâneos que, por sua vez, alimentam as nascentes.



RECICLANDO

Esta é uma palavra que está entrando na ordem do dia. Significa apanhar um material usado e que vai ser jogado fora e trabalhar industrialmente, transformando-o e dando novo uso. A reciclagem combate o desperdício e diminui a quantidade de lixo, um dos grandes problemas atuais no Brasil e no mundo.

No Brasil há uma associação chamada CEMPRE (Compromisso Empresarial para Reciclagem), que edita um boletim com as últimas informações sobre o que ocorre no setor, além de se dedicar à promoção da reciclagem na sociedade. Neste boletim estão informações como a de que o Brasil só reprocessa cerca de 10% do total de borracha disponível para reciclagem. Pneus velhos são ótimos criadouros de mosquitos transmissores de doenças. A CEMPRE é mantida por empresas privadas de diversos segmentos.



QUANTO O LIXO DURA NO MAR?

Ir à praia todo mundo vai. Ficar na areia, entrar no mar, comer, beber, tomar sorvetes, levar crianças, levar cachorros. Se isso fosse feito de acordo com as regras de educação, de respeito aos outros, tudo bem. Aliás, cachorro, não! Não é saudável. Mesmo cães “educados” acabam fazendo cocô, xixi, transmitindo doenças para as pessoas.

Acontece que o nível educacional das pessoas é baixo e elas largam na areia papéis, palitos de sorvetes, restos de comida, latas de cerveja, garrafas plásticas de refrigerantes, as famigeradas PETs, fraldas descartáveis de crianças etc. Ou então, pensando “limpar”, atiram tudo às águas, imaginando que o oceano tudo dissolve. Dissolve, sim. Mas vocês não tem ideia do tempo que isso leva para acontecer.

O Aquário de Ubatuba, mantido por um particular, o idealista e oceanólogo Hugo Gallo Neto, tem caráter educacional e tem contribuído para a educação ambiental. Foi organizado e impresso pelo Aquário um pôster intitulado *A duração do lixo no mar*. Veja na tabela a seguir.



| | |
|------------------------------------|----------------------|
| Luvas de algodão | 5 meses |
| Embalagens de leite | 3 meses |
| Papel toalha | 2 a 4 semanas |
| Jornal | 6 meses |
| Caixa de papelão | 2 meses |
| Fralda descartável e biodegradável | 1 ano |
| Pedaço de madeira pintada | 13 anos |
| Lata e copo plástico | 50 anos |
| Boias de isopor | 80 anos |
| Lata de alumínio | 200 anos |
| Porta-latinha de plástico | 400 anos |
| Garrafa plástica | 450 anos |
| Linha de nylon | 650 anos |
| Vidro | tempo indeterminado |
| Lixo radioativo | 250 mil anos ou mais |

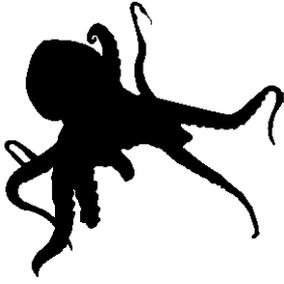
Fonte: Aquário de Ubatuba

Se as pessoas jogarem tudo, o tempo inteiro ao mar, em alguns anos teremos o quê? Impossível saber.

Endereço do Aquário:

R. Guarani, 859 – Itaguá – Ubatuba,

Tel: (12) 3834-1382



ILHAS DE LIXO

Este titulozinho não é meu, é da revista *Brasileiros*. Mas é ótimo para definir o que acontece. O artigo diz que todos os anos são produzidos cerca de 300 milhões de toneladas de lixo plástico no mundo. Parte disso vai parar nos oceanos, provocando danos ambientais graves, como a morte de animais marinhos que confundem os resíduos com alimento. Nada menos de 270 espécies marinhas costumam ingerir e engasgar com esse lixo.

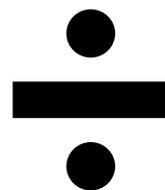




RECICLANDO AUTOMÓVEIS

Há pouco tempo, li uma declaração que nunca tinha me passado pela cabeça. Um senhor, de nome Beirão C. Fernandes, enviou carta aos jornais confessando-se impressionado em “como o Brasil está atrasado em relação a reciclagem de carros velhos. É o quarto maior produtor de automóveis do mundo, e recicla apenas 1,5%”. E ele pergunta: “Quando o governo brasileiro vai obrigar que as montadoras façam um programa de sustentabilidade, de descontaminação, de compactação e trituração de veículos descartados?”.

O governo elimina o IPI para quem quer comprar carros, porém jamais olhou os imensos terrenos-cemitérios de automóveis enferrujados, podres, acumulando água da chuva, tornando-os criadouros da dengue e de outras doenças, pela proliferação de mosquitos.



LIMPAR O MUNDO

Ainda Ubatuba, no dia 19 de setembro de 1997, os alunos de Ybatiba participaram do evento internacional *Clean Up the World* (Limpar o Mundo), recolhendo lixo na praia de Itaguá. Os estudantes recolheram nada menos que:

- 113 pedaços de isopor
- 104 sacos de lixo
- 94 garrafas de bebidas
- 60 tampas de garrafa
- 49 canos de PVC
- 48 latinhas de cerveja e refrigerante
- 48 jornais e revistas
- 11 pneus

Entre outras coisas, como pés de meia, lonas, embalagens de produtos de limpeza, geladeiras e fogões, peixes e animais mortos.



O MORTÍFERO PODER DE UMA BITUCA DE CIGARRO

Um anúncio publicado pelo governo do estado de São Paulo nos jornais do dia 22 de março de 2013 me impressionou muito. O texto dizia:

Criaturas do Tietê

A maléfica bituca de cigarro.

Ela parece inofensiva e bem pequena. Mas faz um estrago bem grande no rio Tietê. Por dia, são consumidos mais de 77,2 milhões de cigarros na cidade de São Paulo. E a maioria das bitucas são jogadas na rua e acabam chegando ao rio Tietê, contribuindo muito para deixar o rio ainda mais sem oxigênio.

Não jogue bitucas pela janela do carro. Atitudes como essas vão ajudar a despoluir o rio e devolver o Tietê para a nossa cidade

Que tal mostrar um Tietê vivo?

Não jogue lixo no rio. Sua consciência limpa, Tietê vivo

Disponível em: <www.facebook.com.br/tietevivo>.

Acesso em: 4 out. 2013.



SALVAR, SALVAR, SALVAR

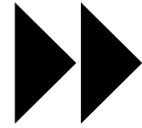
Lembram-se da história da praça de Marília? Ou do ipê que uma velha envenenou? Pois agora temos um caso semelhante, com final feliz. No centro da cidade de Ubatuba, confluência da Avenida Brasil com a Guaranis, existe um *flamboyant*, com a copa espaçosa, fornecendo sombra amena em dias de calor (a cidade é quente). Certo dia, o dono da loja da esquina, em frente à árvore, decidiu que iria cortá-la, para evitar que as pessoas ficassem reunidas à sombra dela. Ele não queria “vagabundos” perto da sua loja.

Pois, quando se soube disso, as crianças (o movimento começou na escola Ybatiba) se movimentaram e, apoiadas por um grupo de adultos, ocuparam a árvore, impedindo o seu corte. Ela não morreu. Está lá. Cada vez mais amiga!



CONSERVAÇÃO DO MICO-LEÃO-DOURADO

Esse movimento, iniciado nos anos 1970 por iniciativa do Zoológico Nacional de Washington e do Centro de Primatologia do Rio de Janeiro, destina-se a salvar o mico-leão-dourado, que está em extinção, procurando fazer com que se reproduzam em semicativeiro. Os micos vêm sendo ameaçados pelo desmatamento do seu hábitat natural. A meta é alcançar 2 mil micos-leões-dourados até o ano 2025, para manter viva a espécie. No final de 1995, um casal de mico-leão-dourado da Reserva Biológica de Rio das Antas teve gêmeos, o que anima os administradores do programa.



SALVANDO A ÁGUA DE BRASÍLIA

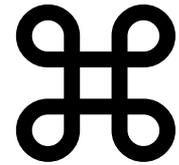
O *SOS Descoberto Antes que Seja Tarde* é uma campanha para recuperar a bacia do rio Descoberto, manancial de água potável que serve 50 % do Distrito Federal. O ambiente vem sendo degradado por lixo, invasões de sem-terra, loteamentos, criação de porcos etc. Para essa defesa foi criado o Comitê Provisório para a Proteção e Gestão do Lago Descoberto.



ADOTE UMA TARTARUGA

Você gostaria de dar nome a uma tartaruga? Além de dar o nome, esta tartaruga seria adotada por você. Basta colaborar com o Projeto Tamar, que tem procurado proteger as cinco espécies de tartarugas marinhas que existem no Brasil. Com um trabalho dedicado, o Projeto Tamar conseguiu fazer com que pescadores, que antigamente matavam as fêmeas e destruíam os ovos, se tornassem os maiores defensores dos animais. É possível, mediante doações, empresas ou particulares ajudar a salvar as tartarugas. Não custa muito e é uma forma de se sentir bem, ajudando a preservar a natureza.

Informações por meio da Caixa Postal 5321
CEP 80040-310 – em Curitiba
ou acesse o site: <http://www.tamar.org.br/>

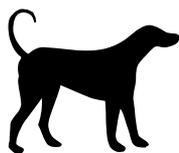


MANUAL PARA SOCORROS ECOLÓGICOS

Uma baleia se perde e vem parar na praia. Fica encailhada. O que fazer para retirá-la dali? O que fazer para mantê-la viva, enquanto os técnicos não chegam? Coisas desse tipo vêm explicadas no curioso *Manual de Primeiros Socorros do Meio Ambiente*.

Publicado pelo Ibama, esse manual ensina o que uma comunidade deve fazer em caso de acidente ecológico, como impedir que as queimadas se espalhem, evitar que óleo vazado em um rio se espalhe, e dezenas de outras situações.

Informações pelo telefone (61) 3316 1677
ou pelo site: <http://www.ibama.gov.br/>.



GANHE SEMENTES

Há em Brasília uma organização singular, o Clube da Semente. Fundado por Antônio Fernandes, destina-se a fornecer informações sobre espécies vegetais, ensina a preparar mudas e o terreno para plantá-las e como transplantá-las. O Clube envia pelo Correio sementes e folhetos. Caixa Postal 377 – Brasília – CEP 70369-970, ou acesse o site: <http://www.clubedasemente.org.br/>



PARA OBTER INFORMAÇÕES

Para ficar atualizado com tudo o que ocorre no Brasil e no mundo em relação ao meio ambiente, procure:

- *Folha do Meio Ambiente* – SRTV Sul, Quadra 701.

Edifício Multi Empresarial – Bloco O, sala 394.

CEP: 70340-000 – SCS – Qd. 08 Edifício Venâncio
2000, Bloco B-60, Sala 228 – CEP 70333-900

Brasília – DF Tel.: (61) 3222-3033

- *Jornal Verde* – Caixa Postal 61.021

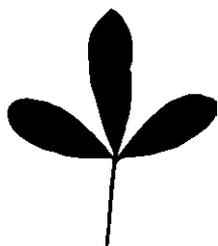
CEP 05071-970 – São Paulo – SP

Os dois jornais possuem um caderno para crianças e outro para jovens.

Sobre reciclagem, atualize-se com o boletim do

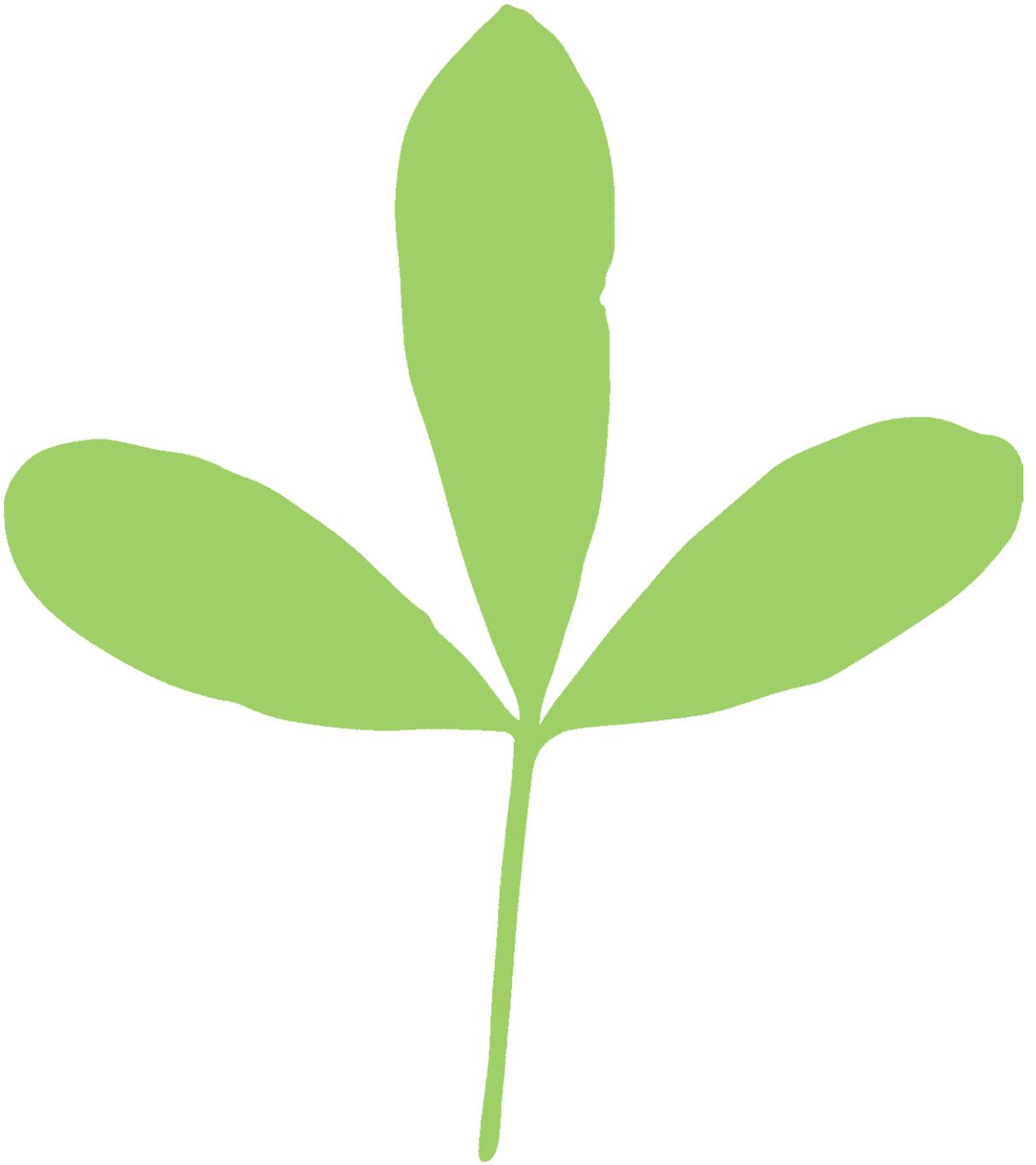
CEMPRE. – Rua Bento de Andrade, 126 – São Paulo

CEP 04503-000. Tel.: (11) 3889-8564.



ANOTE

Em 5 de junho
comemora-se o
Dia Mundial do
Meio Ambiente





UM NOVO BRASIL

Minha gente. Eu disse que há um retorno. Ainda é possível uma ação, e é nessa direção que o mundo começa a se orientar. Minimamente ainda, porque a consciência das pessoas parece amortecida, indiferente. Acrescenta-se que o movimento em defesa do meio ambiente é contrário a imensos financeiros, que envolvem das multinacionais de agrotóxicos às indústrias de madeira, automobilística, expansão do petróleo, à utilização dos latifúndios etc. Por isso, é uma batalha que tem de ser iniciada já, em grande escala, com grande decisão e força de vontade.

Existe neste país um conjunto de associações, grupos e organizações, movimentos e uniões que são vistos como românticos, sonhadores, utópicos.

A primeira ação para neutralizar o combate é a do ridículo, da crítica irônica. Afinal, os Verdes na Alemanha não são chamados de “um bando de preocupados com a limpeza da água e do ar”? E existe movimento mais organizado, sério, consciente que o dos Verdes alemães, com uma plataforma de trabalho e objetivos bastante concretos? Falei sobre eles em um livro meu chamado *O verde violentou o muro*. Já está na hora de vocês lerem. O que os Verdes podem ensinar aos brasileiros? Creio que uma coisa fundamental: a força do partido só foi possível no momento em que as dezenas de mo-





vimentos ecológicos alemães se uniram, juntaram-se, formaram um bloco sólido, definindo com clareza seus propósitos e sua luta.

O primeiro passo neste Brasil é a junção desses movimentos. Que podem continuar a batalhar isolados, quando os problemas forem locais. Exemplo: a Associação do Meio Ambiente de Nova Iguaçu, ou a Sociedade Ecológica de Fernandópolis, o Polo Ecológico de Bocaina, a União Nacional dos Indígenas (UNI), a Ação Democrática Feminina Gaúcha – para citar pouquíssimos –, têm sua ação em âmbito setorial. Porém, têm de trabalhar igualmente de modo abrangente, em linha nacional, ao lado de todos os outros, porque daí virá a força das pressões e reivindicações.

O Brasil já tem um manifesto pioneiro de união que é o *Fim do Futuro? Manifesto Ecológico Brasileiro*, redigido por José A. Lutzenberger. Tem o trabalho de um Ruschi e de centenas de pessoas envolvidas. Quer dizer, existe um apoio, um ponto inicial de convergência. Existe um Ministério, as Secretarias multiplicam-se, estaduais e municipais. Órgãos como a Cetesb de São Paulo já possuem considerável experiência no assunto. Já há leis que premiam empresas que se apoiam na Sustentabilidade. Aliás, a luta de Lutzenberger foi reconhecida no mundo todo. Em 1988, ele recebeu o Prêmio Right Livelihood



Award, considerado o Nobel alternativo na Suécia. Ele foi convidado para ser Ministro do Meio Ambiente, mas não suspeitou que era um golpe promocional do governo que nunca lhe deu condições para realizar nada. E o índio Davi Kopenawa Yanomami foi escolhido pelas Nações Unidas para receber o Prêmio Ecológico Global 500, em 1988. Porém, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil ocultou o prêmio de Yanomami por mais de um ano, só o entregando depois de muita pressão da Assessoria de Assuntos Indígenas do Ministério da Cultura.

Do trabalho de união, deve-se partir para tornar consciente a população. Essencial seria a inclusão de uma matéria no currículo das escolas. Que as novas gerações estudassem Natureza e Meio Ambiente desde o ensino fundamental. Estudassem de um modo que fosse absorvente, levando o aluno a se apaixonar por essa causa. Porque o meio ambiente se tornou causa, ideal. Organizar o currículo de tal modo que as gerações futuras fizessem a revolução que estamos apenas esboçando. Uma revolução não para mudar governos, mas cabeças. E desse modo nos salvamos.



Como formar um partido do movimento.

- 1 Fundar jornais, revistas, editar boletins, usar a rede social amplamente.
- 2 Eleger vereadores, deputados, senadores, governadores, prefeitos cuidadosamente escolhidos.
- 3 Conquistar postos-chave.
- 4 Trabalhar junto à população, no sentido de manter vigilância contínua e mobilização e pressão sobre o Legislativo, pois precisamos de leis contra o uso indiscriminado dos agrotóxicos, ou para a defesa de reservas e florestas.

O governo do Estado de São Paulo, em junho de 1985, deu um passo importante: tombou a Serra do Mar, abrindo um precedente a ser seguido pelos governos estaduais e da União, procedendo a um levantamento de todos os pontos críticos que afetam a preservação do meio ambiente, atacando por aí na defesa.

Acabamos de ver o povo nas ruas, em massa exigindo mudança nas instituições, defendendo educação, saúde, querendo transformação de tudo.

Há uma luta entre passado e presente. O povo precisa combater políticos viciados, arcaicos, cheios de interesses pessoais, corruptos. Por que não instituir uma nova matéria nas escolas? A da história da corrupção no Brasil e no mundo?



O mais importante é o modo como a cabeça das pessoas está funcionando. Estão tomando consciência de seus direitos. Reaprendem a luta pelo ativismo, pela exigência. Agora será também pelo voto.

Nada mais é igual ao passado. O brasileiro, apesar de um amontoado de contradições e de uma letargia secular, parece disposto a se questionar e a colocar em causa todos os grandes temas e assuntos que compõem a possibilidade de mudança no futuro.

Temos de modificar o presente, para que o futuro exista. Porque o presente, o brinde que gostaríamos de oferecer a vocês é este: o futuro. A vida, portanto.



MUNDO SEM CONFORTO E FELICIDADE?

Não encontro melhor final para este livro senão recorrendo ao final de outro livro que muito me impressionou. Chama-se *Em Casa, Uma breve história da vida doméstica*, de Bill Bryson (Companhia das Letras, São Paulo, 2010, tradução de Isa Mara Lando). Um livro admirável, super pesquisado, que se lê com fluência e humor. Bryson é um americano que vive na Inglaterra e escreve livros de divulgação científica e de viagens Inglaterra. As últimas linhas do livro são:

Do total de energia produzida na Terra desde o início da Revolução Industrial, a metade foi consumida nos últimos vinte anos. E desproporcionalmente foi consumido por nós, habitantes do mundo rico; somos uma fração excessivamente privilegiada.

Hoje um cidadão médio da Tanzânia leva quase um ano para produzir o mesmo volume de emissões de carbono que é gerado, sem esforço, a cada dois dias e meio por um europeu, ou a cada 28 horas por um americano. Em suma, nós conseguimos viver da maneira como vivemos porque usamos recursos a uma taxa centenas de vezes maior que a maioria dos outros cidadãos do planeta. Um dia – e não espere que seja muito distante – muitos desses 6 bilhões de pessoas menos ricas com certeza vão exigir ter tudo o que nós temos, e também conseguir tudo isso tão



facilmente como nós conseguimos; e isso vai exigir mais recursos do que este planeta pode, concebivelmente, produzir.

A maior de todas as ironias seria, na nossa eterna corrida para encher nossas vidas de conforto e felicidade, criarmos um mundo que não tem nem uma coisa nem outra”.

Então, pergunto a vocês: como vai ser?



ALGUMAS LEITURAS RECOMENDÁVEIS

MEIO AMBIENTE: Um Mundo Melhor. Encarte especial da revista *Brasileiros*
Disponível em: <www.revistabrasileiros.com.br>. Acesso em: 4 out. 2013.

REVISTA SÃO PAULO, *Folha de S. Paulo*, 14 a 20 de abril de 2013
Disponível em: <www.folha.uol.com.br/saopaulo>. Acesso em: 4 out. 2013.

ÁGUA, edição especial do *National Geographic Brasil*, abril de 2010
Disponível em: <<http://viajeaqui.abril.com.br/national-geographic>>.
Acesso em: 4 out. 2013.

O MEIO AMBIENTE: da Antiguidade aos nossos dias, Osmar Barra.
Livro para se ter uma ideia panorâmica de como o homem veio se comportando ante o meio ambiente. Informações com o próprio autor: osmarbarra@ig.com.br ou pelo telefone (16) 9717-2651.

SINAIS DA VIDA: Algumas histórias de quem cuida da natureza no Brasil,
Marcos Sá Corrêa, editado pela Fundação Grupo O Boticário de
—Proteção à Natureza.
Disponível em: <www.fundacaogrupoboticario.org.br>.
Acesso em: 4 out. 2013.

PATRIMÔNIO AMBIENTAL BRASILEIRO, Coleção Uspiana –
Brasil 500 anos, organização de Wagner Costa Ribeiro, editado pela
Edusp em coedição com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
Edição de luxo, com 621 páginas. Um livro riquíssimo, completo.
Disponível em: <www.edusp.com.br/>. Acesso em: 4 out. 2013.

CONHECENDO O MAR DO BRASIL: Fauna e flora submarina,
Cristiano Burmester, Editora Senac São Paulo.
Dois volumes de grande beleza e muita informação.
Essencial para professores, pesquisadores ou apenas interessados
no assunto. Amplamente ilustrado com fotos.
Disponível em: <www.editorasenacsp.com.br>.
Acesso em: 4 out. 2013.



